

Maria Teresa Cardoso de Campos
**Congresso Internacional de Estética “Imagem, imaginação,
fantasia - vinte anos sem Vilém Flusser”:**
uma conversaçãõ autêntica*

No dia 27 de novembro de 1991, nos arredores de sua cidade natal, Praga, onde estava para proferir uma conferência, Vilém Flusser perdeu a vida, em um acidente automobilístico. De 18 a 21 de outubro de 2011, foi realizado no Brasil, país onde ele viveu um longo período, um congresso para discutir especialmente seu pensamento e render-lhe homenagem, após vinte anos da sua morte. O Congresso Internacional de Estética “Imagem, imaginação, fantasia: vinte anos sem Vilém Flusser” teve lugar em Ouro Preto, reunindo um número significativo de participantes, aproximadamente 200, entre professores, estudantes e pesquisadores, brasileiros e estrangeiros. Esse encontro, promovido pela Linha de Pesquisa em Estética e Filosofia da Arte, do Programa de Pós-graduação (PPG) em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e pelo PPG em Estética e Filosofia da Arte da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), deu sequência a uma série de congressos de Estética, que teve início em 1993, sob a coordenação geral de Rodrigo Duarte (UFMG).

A proposta desse congresso foi tomar o pensamento de Vilém Flusser como centro gerador de reflexões no âmbito da Estética, da Filosofia da arte e da produção artística, tendo em vista as mudanças tecnológicas contemporâneas, sobretudo a produção e a difusão de imagens por diversos meios. Alguns eventos já aconteceram em diferentes países e em terras brasileiras, com o intuito de se debater suas ideias. O primeiro foi o seminário “Vilém Flusser no Brasil: uma apresentação”, em abril de 1999, realizado em São Paulo e Rio de Janeiro, com a coordenação geral de Ricardo Mendes. O que revelou o congresso de 2011 é que Flusser não é mais tão desconhecido no meio acadêmico do país, o qual não reconheceu devidamente o valor das suas reflexões quando era vivo. Ao lado desses eventos, a Editora Annablume tem desempenhado papel fundamental na difusão da sua obra, publicando vários títulos, colaborando sensivelmente

* Mestre em Filosofia, pela UFMG. Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte – Uni-BH. No congresso relatado aqui, apresentou a comunicação “Entre a história e a pós-história: uma reflexão a partir da teoria flusseriana”, na qual buscou investigar algumas transformações em curso, a partir da transcodificação do código da História para o da Pós-história.

para que suas ideias sejam conhecidas e debatidas por um público mais amplo. Nesse último congresso, inclusive, foram lançados, pela editora, *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar e A filosofia da ficção de Vilém Flusser*. O primeiro é um livro do filósofo, imprescindível para se compreender os conceitos de aparelho e de programação, capitais no desenvolvimento da sua teoria. O outro traz as conferências do “Simpósio Internacional A Filosofia da Ficção de Vilém Flusser”, o “Flusser in Rio”, que se deu no Rio de Janeiro, em agosto de 2010, e foi organizado por Gustavo Bernardo (UERJ).

No congresso “Imagem, imaginação, fantasia: vinte anos sem Vilém Flusser”, oito palestrantes apresentaram seus trabalhos, contribuindo para alargar a compreensão das ideias de Flusser, ao estabelecer novas relações entre elas.

Rodrigo Duarte, da UFMG (Brasil), proferiu a palestra “Vilém Flusser e a estetosfera brasileira”. Segundo ele, o cenário de um futuro provável foi projetado por Flusser, através da metáfora de um formigueiro. Quem nele vive são criadores de “imagens técnicas musicais”, com corpos atrofiados, que jogam em êxtase, interconectados uns com os outros. Porém, características da corporeidade do brasileiro poderiam se contrapor à debilidade corpórea do formigueiro, à sua ludicidade programada.

Já Gustavo Bernardo Krause, da UERJ (Brasil), na sua exposição “Flusser e Ressul?”, valeu-se da imagem do espelho e da fotografia da ovelha Dolly para tecer considerações sobre as relações entre a ficção e a realidade, ou melhor, sobre a ficção como uma maneira de se pensar a realidade. Para ele, Flusser vivenciava a filosofia como uma espécie de ficção. Sendo assim, o filósofo permaneceu entre esta e a filosofia, levando-o a suspeitar das diferentes concepções de realidade.

Rainer Guldin, da Università della Svizzera Italiana (Suíça), em “Um profeta das tecnologias de informação? Sobre a atualidade da obra de Vilém Flusser”, procurou verificar se ainda são válidas as previsões contidas na filosofia dos *media* flusseriana, diante dos desenvolvimentos tecnológicos e acontecimentos dos últimos anos. Buscou, então, perceber a diferença entre os circuitos em feixe, que equivalem ao discurso anfiteatral, e os circuitos em rede, que suscitam o diálogo, procurando pontos de contato entre a sociedade telemática das redes intersubjetivas, da maneira estabelecida por Flusser, com as novas formas de intercâmbio informativo, como as redes sociais.

Thomas Friedrich, da Hochschule Mannheim (Alemanha), apresentou a palestra “Filosofia do design vinte anos depois de Vilém Flusser. A estética orientada à restrição de Georg Nees”. Seu objetivo foi vincular a filosofia de Flusser ao trabalho de Georg Nees, um pioneiro da arte computacional, com sólidos conhecimentos de física e matemática, que, no final dos anos 60,

desenvolveu programas de computador, que geraram imagens aleatórias - obras provocadoras que colocaram em xeque o conceito de gênio do século. XIX.

A palestra “Imagem e holocausto em Benjamin e Flusser”, apresentada por José Antonio Zamora, do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Espanha), girou em torno da representação imagética do holocausto. O relato do horror instaurado pelos nazistas foi possível através de imagens, já que não era possível relatar o que se passava nos campos de concentração, verdadeiras caixas pretas.

Por sua vez, Simone Osthoff, da Pennsylvania State University (EUA), na sua palestra “Imaginação técnica e arte Concreta-Neoconcreta”, tratou da relação entre os trabalhos do movimento neoconcreto carioca e o conceito de “concreto” desenvolvido por Flusser.

Joachim Michael, da Universität Hamburg (Alemanha), com seu português impecável, em “Código e tempo em Vilém Flusser”, partiu da concepção de código e mensagem, avançou para o tempo na Comunicologia, para as implicações do surgimento da escrita no estabelecimento do período da História, em seguida ponderou sobre a morte da História e o que se segue a esse fim.

A última palestra foi de Markus Schäfauer, da Universität Hamburg (Alemanha), que se inspirou na obra *Vampyroteuthis infernalis* em “A imaginação interessada do universo segundo Vilém Flusser: comer quando e quanto quiser?”. Nela, retomou, em outros termos, a questão da corporeidade e do êxtase em Flusser, discutida anteriormente por Rodrigo Duarte, para refletir sobre as condições que possibilitariam uma imaginação interessada, isto é, o que estaria no nosso centro de interesse.

As comunicações apresentadas no congresso foram numerosas e também relevantes. Aqui, enumeramos algumas, a título de exemplo. Eva Batlickova (Annablume), autora de *A época brasileira de Vilém Flusser*, em “Mapas verdadeiros não existem”, lançou nova luz sobre a interpretação do livro *Fenomenologia do brasileiro*, de 1973, compreendendo que há possibilidade de se perceber o Brasil apresentado por Flusser nessa obra, não concretamente, mas como um conceito alternativo à cultura histórica europeia. Assim, é possível vincular este livro com o *Pós-história*, de 1983. Já Cláudio de Abreu Machado Campos (UFMG) procurou mostrar que, a partir do aparelho fotográfico, as imagens, por sua apreensão cômoda, tornam-se a principal mediação informacional da contemporaneidade. O documentário *Le mystère Picasso*, de 1956, no qual o traço do artista se revela como ação no tempo e espaço fílmico, foi tomado por Cláudio de Souza Castro Filho (UERJ) para refletir sobre como a imagem técnica pós-histórica instaura uma nova consciência no que tange aos fenômenos artísticos. Valéria Amorim (UFMG) refletiu sobre concepções que possibilitaram o surgimento das imagens de síntese numérica, tecnoimagens que

para Flusser originam a atual conformação sociocultural e estética. Ao longo do congresso, Michael Hanke (UFRN) contribuiu ressaltando as referências que Flusser utilizou em seu trabalho. Em sua comunicação, privilegiou os conceitos cultura, mídia, imagem e pós-história. O tema da fantasia e da chamada “realidade” foi tratado por Imaculada Kangussu (UFOP), a partir da teoria flusseriana e da obra *Em defesa das causas perdidas*, de Zizek. Dirk-Michael Hennrich (Universidade de Lisboa) abordou as fontes e fundamentos filosóficos do pensamento de Vilém Flusser. A articulação da questão do pós-humanismo com a comunicação, tendo como referência a obra *Vampyroteuthis infernalis*, foi o problema escolhido por Erick Felinto de Oliveira (UERJ). Ainda citamos Rachel Cecília de Oliveira Costa (UFMG), que discutiu a visão de Flusser acerca da arte contemporânea, tomando a crítica do filósofo à obra de Mira Schendel, e também Myriam Ávila (UFMG), que se debruçou sobre a breve correspondência entre o jovem poeta Paulo Leminski e Flusser.

Outras comunicações tiveram como foco o pensamento de outros filósofos, como foi o caso de Giorgia Cecchinato (UFMG), que objetivou explicar o papel da imaginação no filosofar e na ação concreta, segundo Fichte.

Uma participação que causou surpresa e deu um tom tecnológico ao congresso foi a de Vanessa Ramos-Velasquez, (UDK), que, de Berlim, se comunicou com a plateia via *Skype*. Ela comeu “cogumelos flusserianos” e também seu “Manifesto Antropofágico para a Era Digital”, feito de papel de arroz. As ideias de Flusser a auxiliaram a criar sua *performance*, baseada na nova antropofagia, a digital, capaz de interligar o pensamento de Oswald de Andrade ao de Vilém Flusser.

Houve ainda a apresentação da revista *Flusser Studies*, especializada no pensamento flusseriano, cujo editor-chefe é Rainer Guldin. Publicada duas vezes por ano, é *on-line* e aceita artigos nas línguas em que Flusser escrevia: alemão, português, inglês e francês, além do tcheco, espanhol e italiano. Outro periódico, *Constelaciones: revista de teoría crítica*, também *on-line*, e que acolhe trabalhos inspirados nas ideias dos pensadores da Escola de Frankfurt, foi apresentado por José Antonio Zamora, um dos seus editores. Ainda nesse momento de apresentação de periódicos, Thomas Friedrich apresentou a *Zeitschrift für kritische Theorie* (*on-line* e em papel), de cujo conselho editorial ele é membro, a qual publica desde 1995 artigos de pesquisadores em teoria crítica de vários países.

Ao final do congresso, a sensação é de que todos haviam estabelecido uma conversação autêntica, aproveitando as lições de Vilém Flusser.